

Alguns mecanismos psíquicos na gênese do ódio a homossexuais: um comentário psicanalítico do filme *Ataque dos Cães*

Some psychic mechanisms in the genesis of hatred towards homosexuals: a psychoanalytic commentary on the film Power of the Dogs

*Fabiano Chagas Rabêlo**

*Raul Vasconcelos Neres***

*Teresa da Costa****

*Reginaldo Rodrigues Dias*****

Resumo

O autor realiza o comentário do longa-metragem *Ataque dos cães* para interrogar alguns processos psíquicos que corroboram discursos e práticas de ódio a homossexuais. Apoiado na análise do filme, problematiza as relações mútuas de determinação entre mecanismos psíquicos e sociais na produção desses discursos, salientando que tendências homoeróticas recalçadas podem alimentar moções pulsionais agressivas, que são então canalizadas por meio de processos grupais para fins de agressão e discriminação. Salienta que, apesar de a história do filme se passar no velho oeste norte-americano da década de 1920, a sua abordagem mostra-se bastante profícua e pertinente para a análise da atual realidade política e cultural brasileira.

Palavras-chave: Psicanálise. Ódio a homossexuais. Narcisismo. Formação reativa. identificação.

* Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba, PI, Brasil. fabrabelo@gmail.com

** Psicólogo. Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). São Paulo, SP, Brasil. raulsvask08@gmail.com

*** Psicanalista. Membro da Escola Letra Freudiana. Doutora em Ciências Sociais e Jurídicas pela Universidade Federal Fluminense (PPGSD/UFF). Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Especialista em Psicanálise pela Universidade Santa Úrsula (CEPCOP/USU). Graduada em Psicologia pela Universidade Gama Filho (UGF/RJ). Docente da Pós-graduação em Teoria Psicanalítica pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO/CE). Docente e Ex-Coordenadora Adjunta do Curso de Especialização Integrado em Saúde Mental na Modalidade Residência Integrada e Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (SES-RJ/ UERJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. teresadacosta80@gmail.com

**** Professor da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Parnaíba, PI, Brasil. regydyas@hotmail.com

Abstract

*The author carries out the commentary on the film *Power of the dogs* in order to question the dynamics of some psychic processes that corroborate discourses and practices of hatred towards homosexuals. Based on the analysis of the film, the author seeks to problematize the relations of mutual determination between psychic and social mechanisms in the production of these discourses, emphasizing that repressed homoerotic tendencies can feed aggressive impulses, which are then channeled through group processes to aggression and discrimination. It should be noted that, despite the history of the film takes place in the American Wild West of the 1920s, its approach proves to be quite relevant for the analysis of the current political and cultural reality in Brazil.*

Keywords: *Psychoanalysis. Hatred of homosexuals. Narcissism; Reaction-formation. identification.*

Introdução

Este artigo comenta o filme *Ataque dos cães*, da diretora Jane Campion (2021). Parte da constatação de que a sua história explora uma questão relevante e atual, a saber: como o ódio a homossexuais que permeia algumas modalidades de relações sociais surge de transformações na organização do circuito pulsional. Defende que a agressividade que permeia ações e discursos que estigmatizam e marginalizam condutas consideradas desviantes em relação a um determinado padrão heteronormativo derivam originalmente de tendências homoeróticas dos próprios agressores. Salienta que, embora tenham por objetivo primordialmente reforçar as estratégias defensivas dos próprios agressores, tais manifestações de ódio também almejam incitar as mesmas transformações psíquicas em quem é alvo de tais violências ou mesmo em quem as testemunha.

Assim, o filme permite questionar como tais modificações intrapsíquicas se apoiam e se conectam com processos grupais, o que, muito frequentemente, pode contribuir para o acirramento do ódio que as gerou. Dessa forma, o artigo almeja investigar os determinantes psíquicos resultantes de injunções sociais que contribuem para a promoção e perpetuação do ódio aos homossexuais. Para tanto, são adotados como referencial teórico os conceitos freudianos de narcisismo, formação reativa, identificação e psicologia das massas.

Essa temática é relevante, sobretudo, quando se tem em vista o cenário político atual, pois, como aponta Ferreira (2016), é notória na última década a ascensão de um radicalismo de direita e a exacerbação de uma pauta moral baseada em “ideais religiosos e militaristas” (FREUD, 1921/2011), que desautorizam a população LGBTQIA+ e promove um discurso de exclusão e incitamento à violência. Assim, na atual conjuntura política e cultural do Brasil, percebe-se claramente o recrudescimento do ódio direcionado a sujeitos gays, homo- e transexuais, que está atrelado a um projeto de poder que inspira algumas políticas de Estado. Simultaneamente, verifica-se o desmonte de ações de defesa dos direitos humanos. Um exemplo claro disso é a propagação da chamada *cura gay*, que toma a orientação sexual de homossexuais como falhas de caráter que devem ser corrigidas (CARVALHO, 2022).

Diante de tal conjuntura, entendemos que os discursos e práticas sociais que promovem o ódio a homossexuais também podem ser analisados da perspectiva dos processos psíquicos que eles próprios modulam. É pertinente lembrar aqui a afirmação de Freud (1921/2011) de que toda psicologia individual

é inevitavelmente uma psicologia social, haja vista que a presença de um outro – um semelhante ou próximo, *Nebenmensch* (FREUD, 1895/1996) – é condição prévia necessária para a constituição do psiquismo. Esse outro, do ponto de vista da dinâmica psíquica, pode assumir os lugares de modelo, colaborador, objeto de investimento e rival. Em função disso, faz-se necessário admitir que ele é parte integrante do circuito pulsional desde a sua gênese e que participa de cada etapa de seu desenvolvimento e, conseqüentemente, dos processos de adoecimento e promoção de saúde mental. Desse modo, consideramos que determinadas práticas sociais discriminatórias podem ser analisadas a partir das estratégias particulares de subjetivação que lhes dão suporte e que, ao mesmo tempo, as modulam.

O filme *Ataque dos cães* aborda esse problema de forma pungente. Através do percurso do personagem Phil, é possível verificar como tendências homossexuais reprimidas podem, a partir de determinadas transformações intrapsíquicas (identificação e formações reativas), reforçar atitudes e falas de ódio a homossexuais que, por sua vez, vêm agenciar no âmbito das relações grupais práticas discriminatórias e de violência.

O artigo sustenta que a trama do filme, apesar de se passar em um lugar e tempo remotos – o velho oeste norte-americano da década de 1920 – possui uma relevância que extrapola o contexto histórico e social onde está situada. Reforça, portanto, que as reflexões promovidas pelo filme ganham peso e vigor quando somos confrontados com o atual momento político e cultural brasileiro. Desse modo, é sublinhada a importância de se problematizar estratégias de confrontação a uma pauta política ultraconservadora alicerçada em uma lógica heteronormativa compulsória (BUTLER, 2003) que patologiza e discrimina o estilo de vida LGBTQIA+.

A estrutura deste artigo reflete o desenvolvimento da trama: inicialmente são apresentados os personagens, suas motivações e o conflito que é instaurado. São pontuadas as crises de Phil, os processos identificatórios nos quais se engaja e as mudanças de posição subjetiva que surgem daí. Por fim, o artigo busca explicitar as estratégias de Peter para se opor às investidas de Phil e as razões de sua eficácia. Na conclusão, são exploradas as reverberações dessa discussão no contexto político brasileiro atual, avaliando a proposta da *cura gay* a partir do que Freud (1940/1996) denomina “tratamento superegoico”. É realizada ainda, a partir de uma comparação com o filme *Brokeback Mountain*, uma discussão sobre os destinos das tendências pulsionais homossexuais, a fim de ressaltar a plasticidade do psiquismo humano e a multiplicidade de direções que tais moções podem trilhar.

Os personagens e suas motivações

O filme *Ataque dos cães* (CAMPION, 2021) apresenta inicialmente a relação dos irmãos George e Phil, ambos solteiros, por volta dos 40 anos. Eles gerenciam a fazenda da família, enquanto os pais, já idosos, vivem na cidade. George é um homem triste, solitário e tímido, que se divide entre a cidade e o campo. Já Phil é um típico *cowboy*, que passa a maior parte do tempo com os peões a cuidar dos rebanhos. O mal-estar entre os irmãos se instala quando George decide se casar com a viúva Rose.

O casal se conhece durante uma viagem da qual participam todos os peões da fazenda, que, em comitiva, conduzem uma boiada no meio do sertão¹. Rose, auxiliada por seu filho, Peter, administra a pousada onde os vaqueiros se hospedam para passar a noite. Peter é delicado, introspectivo e demonstra habilidades artísticas.

Na pousada, durante os festejos dos vaqueiros – regados a muita bebida, comida e música – Phil, de forma aparentemente gratuita, assume uma atitude de confrontação e desautorização. Ele destrói intencionalmente as rosas de *origami* confeccionadas por Peter que ornavam as mesas do estabelecimento. Aqui é possível estabelecer uma simbologia: a atitude agressiva dirigida à rosa de papel e ao seu artesão se sobrepõe ao desprezo à dona do estabelecimento, que também se chama Rose.

É interessante notar que, após a investida de Phil contra os trejeitos delicados do rapaz, os vaqueiros, inicialmente indiferentes ao que estava acontecendo e entretidos com a própria algazarra, passam a hostilizar e a menosprezar Peter que, resignado e constrangido, mas mantendo um semblante altivo, retira-se para seus aposentos a pedido da mãe.

Nessa cena, Phil desempenha o papel de líder dos vaqueiros. Esses, por sua vez, identificados com o chefe e uns com os outros, passam a fazer chacota com a suposta orientação sexual atribuída a Peter por Phil. Por identificação designa-se o mecanismo pelo qual o sujeito se constitui na relação com os outros, apropriando-se de traços extraídos destes e ao mesmo tempo elegendo objetos de investimento com base nestas identificações (FREUD, 1914/2011).

1. O uso do termo sertão se justifica no sentido de uma localidade situada nos rincões, distante dos centros urbanos. Além disso, o filme fornece a oportunidade de aproximar a paisagem onde se passa a história com o sertão brasileiro – nordestino e mineiro –, o que permite pensar em reverberações entre a sua trama e as narrativas de Guimarães Rosa (MARTINS, 2014). Assim, o sertão pode servir de metáfora para uma dimensão psíquica recôndita, não manifesta e íntima que, em determinadas circunstâncias, aflora.

A estratégia acima descrita foi discutida por Freud (1921/2011) como constituindo um mecanismo essencial de uma psicologia das massas. Nesse contexto, os participantes de um grupo experimentam uma mudança profunda de sua atividade anímica: sua afetividade é intensificada e a sua capacidade intelectual e crítica é diminuída pelo nivelamento com os outros indivíduos que são tomados por semelhantes. A agressividade livre que resulta dessa operação é então canalizada para um alvo específico: um inimigo interno ou um alvo externo portador de um traço que diverge das identificações do grupo.

Freud (1930/2010) destaca que o catalisador do ódio cooptado por esse processo, que, no âmbito coletivo, ele denomina narcisismo das pequenas diferenças, não são as características divergentes do indivíduo odiado, mas as semelhanças que o aproximam dos demais integrantes do grupo. Dessa forma, a diferença desempenha um papel de véu que recobre um território de características comuns que os membros do grupo buscam rechaçar para manter a sua coesão.

É necessário destacar a dinâmica psíquica do ódio que a presença de Peter evoca em Phil. É possível cogitar que esse ódio surge da projeção de uma tendência agressiva originalmente direcionada ao próprio Eu que, posteriormente, é deslocada para um alvo externo. Para isso acontecer, faz-se necessário que um traço do sujeito que sucumbiu a censura psíquica retorne na forma de um substituto do recalcado e que tal processo mobilize uma quota de angústia. Como recurso de defesa auxiliar, o conflito intrapsíquico é transformado em extrapsíquico e a angústia assume a forma de uma tendência hostil direcionada a um novo objeto.

É interessante pensar a gênese do ódio em termos metapsicológicos, uma vez que tal processo envolve o encadeamento de diferentes tendências pulsionais e mecanismos psíquicos de defesa. Freud (1915/2010a), ao investigar essa questão, reconhece que há uma relação bastante próxima entre amor e ódio, ainda que destaque que um não pode ser considerado a contraparte do outro. Dito de outra forma, a inversão de uma tendência pulsional no seu oposto, tal como ocorre nos pares antitéticos exibicionismo e *voyeurismo* ou masoquismo e sadismo, não é suficiente para explicar a transmutação de amor em ódio. Faz-se necessário que outros processos psíquicos se somem a essa equação.

O narcisismo, nesse contexto, ganha destaque. Entende-se por narcisismo o processo que busca manter a unidade do Eu frente ao que pode ser interpretado como ameaça à sua organização (FREUD, 1914/2010). Identificação, por sua vez, é o mecanismo pelo qual o Eu se constitui ao se diferenciar do Isso, o

caldeirão de pulsões borbulhantes, com base na introjeção de traços de experiências agradáveis e na rejeição do registro de vivências desagradáveis (FREUD, 1923/2011).

A partir da segunda tópica, Freud (1923/2011) defende que a internalização das moções agressivas é uma exigência do processo civilizatório. Tal processo se encontra na origem do Supereu, que surge da autonomização e internalização do ideal do Eu, que é o representante dos valores sociais e culturais (FREUD, 1914/2010). Após o seu surgimento, o Supereu passa exercer a função de vigilância crítica das ações do Eu. Suas repreensões e seus julgamentos tornam-se autônomos e, via de regra, tendem a desconsiderar as limitações da constituição psíquica, assim como os obstáculos impostos pela realidade.

Destaca-se daí uma característica crucial do Supereu que se soma à sua função de instância moral crítica. Na condição de herdeiro do complexo de Édipo, o Supereu também se alimenta das tendências pulsionais oriundas do Isso, o que contribui para acirrar a sua voracidade e agressividade. Por isso, suas exigências são desproporcionais e desarrazoadas. O Eu, por sua vez, ao buscar estar à altura das demandas do Supereu, tende a recalcar os derivados do Isso, o que acirra o processo de desintricamento da pulsão de morte e da pulsão sexual. A pulsão de morte destacada da libido, por sua vez, incrementa retroativamente a voracidade superegoica.

Pontua-se que é a mescla das duas qualidades de pulsões que proporciona uma ancoragem psíquica à pulsão de morte. A dissolução desse vínculo, por sua vez, potencializa os seus efeitos. Por conseguinte, se não for novamente vinculado a um outro componente libidinal, esse quantum de pulsão de morte livre tende a se manifestar de forma muda e introjetada. Vale destacar que a pulsão de morte não possui representação psíquica. Sua meta, que se situa para além do princípio do prazer, é o retorno ao inanimado e ao inorgânico como forma de anulação de toda e qualquer tensão psíquica (FREUD, 1920/2010).

Sublinhamos a partir do comentário do filme, que o recalque das moções pulsionais provenientes do Isso, mecanismo que tende a se cristalizar e se ampliar, intensificando dessa forma o conflito psíquico, pode repercutir em um segundo momento nas relações de grupo, no âmbito social. Assim, tensionado pelo Supereu, o Eu pode então buscar se adequar às exigências dessa instância crítica por meio da incorporação de traços de outros indivíduos que encarnam ideais e valores sociais.

Em *Mal-estar na civilização*, Freud (1930/2010) alerta para a fragilidade deste caminho. Sublinha que os indivíduos que anseiam em se ajustar a um

alto padrão moral e ético possuem uma maior probabilidade de sucumbir ao adoecimento neurótico. Logo, a via mais efetiva de combater o conflito psíquico é tornar-se mais receptivo aos produtos do Isso e, dessa forma, ser capaz de elaborá-los e dar-lhes um destino que potencialize a constituição psíquica singular de cada sujeito (FREUD, 1933/2010).

Pode-se dizer daí que a tentativa de resolução do conflito pela identificação e adequação a padrões morais rígidos e artificiais culminam num acréscimo da agressividade internalizada. Tal tendência, como a história de *Ataque dos cães* demonstra, pode ser então posteriormente redirecionada para um alvo da realidade, via de regra para alguém cujas características destoam dos traços identificatórios coletivos.

Assim, o confronto que se desenrola logo nos primeiros minutos do filme apresenta o contraste e as semelhanças das características das personalidades dos protagonistas: apesar de rude, Phil demonstra ser uma pessoa culta, pois, numa cena, ele se senta ao piano para tocar uma peça musical intrincada e complexa, o que deixa os peões confusos e surpresos; já Peter, malgrado a aparente fragilidade, deixa transparecer obstinação, resiliência, inventividade e uma aguda capacidade de observação.

Dessa maneira, no início do filme são apresentadas as motivações de ambos. No caso de Phil, o repúdio a mudanças na rotina, o desprezo por seu passado, cujos fragmentos retornam em alusões pontuais, e uma rigidez psíquica evidenciada na forma de um padrão de masculinidade exagerado e uma atitude de ódio ao feminino e a pessoas que avalia como portadoras de traços homossexuais. Já do lado de Peter, há o apreço pela mãe, tal como é possível constatar em sua fala: “quando meu pai faleceu, eu só queria a felicidade da minha mãe. Que tipo de homem eu seria se não ajudasse minha mãe? Se não a salvasse?” (CAMPION, 2021).

Constata-se na trama a instauração da oposição entre uma atitude heteronormativa que necessita impor seu estilo de vida como forma de assegurar uma masculinidade ameaçada por tendências homossexuais que insistem em aflorar e o desenvolvimento de uma identidade mais plástica e descolada das injunções sociais hegemônicas sobre como ser homem (BUTLER, 2003), cujo paradigma é a figura do *Cowboy*.

O acirramento do conflito

O que é interessante do filme é que não há na sua trama nenhum elemento manifesto que permita dizer que Peter é homossexual, a não ser algumas características que divergem de um determinado clichê de masculinidade referendado pelos filmes de *faroste*: ele se veste bem, mantém-se limpo, é gentil, afeito aos estudos e atividades artísticas. Do lado de Phil, por sua vez, a situação é diferente. Apesar de sua aparência e atitudes corresponderem ao que é esperado de um típico *cowboy*, ele manifesta traços de uma sexualidade conflituosa e reprimida.

A homossexualidade é vista por Freud (1923/2011) como uma posição libidinal, uma orientação sexual tão legítima quanto a heterossexualidade. Para ele, a primeira escolha de objeto de amor ocorre ainda sem a representação da diferença sexual e sob a égide dos complexos de Édipo e de castração. Tal escolha, que é de natureza incestuosa – pois toma um dos pais como objeto de investimento – sucumbe ferozmente ao recalque. Dos fragmentos do complexo de Édipo se formam as diretrizes que nortearão as escolhas objetais da vida adulta, que vão atualizar, sob a influência do primado genital, os modelos edípicos da infância (FREUD, 1905/2016, 1923/2011). Tal atualização, contudo, não é um decalque das vivências infantis.

Ceccarelli (2008) complementa Freud ao dizer que os padrões da sexualidade humana não são inatos: eles resultam da constituição do indivíduo, das suas experiências pulsionais de satisfação da primeira infância e das elaborações posteriores dos traços que tais experiências cunham no psiquismo. Dessa forma, o que se atualiza são os traços significantes inconscientes inscritos a partir desse primeiro momento de escolha amorosa infantil sob as limitações e potencialidades da constituição psíquica de cada sujeito e as contingências da realidade atual. Daí a necessidade de se considerar a história libidinal do indivíduo na formação de suas escolhas sexuais da vida adulta. Pode-se dizer daí que a solução sexual e o destino da pulsão possuem um destino particular para cada sujeito. Não há, portanto, um padrão psíquico pré-formado que permita indicar uma escolha sexual como um caminho privilegiado, supostamente saudável e normal.

A esse respeito, vale a pena citar a resposta de Freud a uma mãe que o escreveu solicitando orientação terapêutica para a homossexualidade de seu filho. Ele escreve:

A homossexualidade certamente não é uma vantagem, tampouco é algo de que se deva envergonhar, não é nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos uma variação da função sexual produzida por uma detenção no desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos altamente respeitáveis, tanto da Antiguidade quanto de tempos modernos, foram homossexuais, vários dos maiores entre eles (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci, etc.). É uma grande injustiça, e também uma crueldade, perseguir a homossexualidade como se ela fosse um crime (FREUD, 1935/2018, p. 271).

A despeito dessa opinião manifesta em 1935, a homossexualidade continuou sendo tratada pela psicopatologia médica como uma doença até a década de 1970. O termo homossexualismo², por sua vez, permaneceu como uma referência diagnóstica no Código Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS) até 1991 (LEITE; CATELAN, 2020). Até recentemente, a presença da designação *transtorno homossexual egodistônico*, no DSM, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* contribuiu para que tratamentos sexuais ortopédicos fossem justificados e continuassem a existir (DUNKER; KYRILLOS NETO, 2010). Somente em 2019, tal diagnóstico foi definitivamente abolido³.

Ora, como salienta Coutinho Jorge (2004), o sexual é invariavelmente, em maior ou menor medida, egodistônico – isto é, ele promove uma tensão com a organização do Eu –, independente da opção ou identidade sexual do indivíduo. O sofrimento com a opção sexual, todavia, pode ser agravado por meio de pressões políticas e sociais que, por sua vez, são acompanhadas por ofertas de cura para as demandas que esses mesmos processos agenciam (GAMA, 2019).

Retornemos ao filme. O romance de George e Rose prospera e o casal decide oficializar a união. Phil não aceita o noivado. Ao tomar conhecimento do casamento, ele se retira para o estábulo onde, ato contínuo, agride uma égua e a xinga. Novamente, como no caso da flor de papel, a égua se presta à vazão de uma atitude de ódio ao feminino. Cabe indagar, portanto, os verdadeiros motivos subjetivos que levam Phil a se opor ao casamento do irmão e a nutrir tanto ódio contra Rose e o seu filho.

2. O sufixo *ismo*, é importante lembrar, refere-se a um processo patológico e é tradicionalmente aplicado para denominar doenças.

3. Conselho Federal de Psicologia - CFP. (21 março de 2019). Diálogo digital 20 anos da resolução 01/99 [Arquivo de vídeo]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9-NJ1Amarfg>>.

Após a união, Rose é cada vez mais hostilizada por Phil. À noite, em seu quarto, Phil ouve os barulhos da intimidade do casal no leito vizinho. Irritado e sem conseguir dormir, ele se dirige ao estábulo. Lá, toma nos braços a sela de Bronco Henry, o peão que o acolheu na fazenda quando ele chegou da cidade pela primeira vez, e começa a lustrá-la com um pequeno pano. O filme mostra que Phil se dedica a essa tarefa de forma quase devocional. Ao fazê-lo, seu olhar torna-se distante, como quem se recorda de algo profundamente íntimo. Suas mãos acariciam o couro da sela como se fosse o corpo de alguém amado.

Ao amanhecer, Phil dirige-se a um local remoto na floresta, uma espécie de abrigo secreto, onde guarda revistas de natureza homoerótica. Nesse canto, após se satisfazer com as ilustrações, toma banho em um rio próximo, despreocupadamente. A tranquilidade de Phil nesses momentos destoia do semblante rude e tenso que normalmente sustenta, mesmo quando está descontraído com os vaqueiros em situações de lazer.

Algum tempo após o casamento, Peter vai passar as férias na fazenda. Ao vê-lo como hóspede em sua casa, Phil retoma suas investidas contra o jovem, expondo-o a situações vexatórias. Ainda que ridicularizado, Peter não se deixa abalar.

Diferentemente do filho, Rose mostra-se cada vez mais suscetível às investidas de Phil. Sua saúde e seu estado mental tornam-se mais fragilizados, o que repercute no ânimo de seu marido. Rose desenvolve uma tendência ao alcoolismo e passa a se isolar para chorar e se esquivar das humilhações às quais é reiteradamente submetida.

É sugerido que a aversão de Phil a Peter pode ser elucidada por meio do fenômeno do narcisismo das pequenas diferenças, isto é, na forma de uma hostilidade mobilizada por um traço diferencial que encobre um vasto território de características comuns compartilhadas do qual o sujeito nada quer saber e evita reconhecer (GUIMARÃES; ENDO, 2011). Dessa forma, o sujeito canaliza para o exterior uma tendência agressiva até então internalizada (FREUD, 1930/2010).

Deste modo, é possível inferir que as represálias contra Peter se fundamentam na percepção reprimida da presença de características do próprio Phil no jovem. Trata-se de um esforço de defesa em relação a suas próprias tendências sexuais que ele não tolera em si e que retornam na relação com o outro. É sugerido que, no filme, o incômodo provocado pelo narcisismo das pequenas diferenças acirra em Phil processos de defesa pré-existentes, que transformam as manifestações afetivas mais arcaicas e íntimas, vividas como egodistônicas, no seu contrário (FREUD, 1905/2011).

Para Laplanche & Pontalis (1967/2001), a formação reativa é uma atitude afetiva ou hábito psicológico que exerce uma pressão no sentido oposto a um desejo recalçado. Assim, o ódio pode se transformar em amor, a atração em repulsa e o prazer em nojo. A função desse mecanismo é suplementar o recalque na forma de um contrainvestimento. Por essa via, é erigida uma barreira psíquica, valendo-se para tanto das próprias tendências pulsionais e afetivas, cujo desenvolvimento tal defesa busca barrar. Os autores sinalizam que as formações reativas assumem um valor sintomático na medida em que tendem a perpetuar uma resposta rígida, forçada e compulsiva, o que frequentemente leva ao fracasso da defesa e, não raro, a um resultado oposto ao que é conscientemente visado (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967/2001).

Segundo Freud, (1915/1910b) a formação reativa produz uma transformação duradoura no Eu que, embora seja característica das neuroses obsessivas, também pode ocorrer em outros tipos clínicos, como na histeria. A diferença reside no fato de que, na neurose obsessiva, a formação reativa surge como uma formação substituta de uma tendência agressiva recalçada em uma fase anterior do desenvolvimento psíquico, ainda no período de latência, sendo que a eclosão de pensamentos obsessivos e a necessidade de rituais de proteção ocorrem posteriormente como retorno do recalçado. No caso dos outros tipos clínicos, a participação da formação reativa como mecanismo psíquico de defesa é contingente e não é determinante na escolha da neurose.

Essa conjuntura psíquica é verificada em Phil. Sua masculinidade caricata e exacerbada deve ser entendida como uma reação de defesa a suas próprias tendências homossexuais. O ódio a Peter e a Rose, por sua vez, é, na verdade, uma forma de retorno e, ao mesmo tempo, uma tentativa de retificação do fracasso desse mecanismo de defesa.

A identificação como tentativa falhada de apaziguamento da sexualidade

Como dito, Bronco Henry foi um *cowboy* que exerceu a função de tutor de Phil quando jovem. Já falecido no momento dos acontecimentos do filme, ele é representado na trama por uma sela de couro, que fora de seu uso pessoal. Herdada por Phil, tal sela é guardada em um local de destaque no estábulo, uma espécie de altar, para onde o seu novo dono se dirige quando deseja reverenciar a memória do amigo morto.

Bronco constitui para seu discípulo uma espécie de ideal a ser seguido. Phil, por sua vez, faz questão de evidenciar os traços identificatórios incorporados na relação com o velho *cowboy*. A partir da reprodução de alguns maneirismos e valores relacionados à figura de Bronco, Phil tornou-se uma espécie de líder das massas dos peões, característica que o distingue de seu irmão. Esse ponto pode ser constatado em um brinde que realiza durante uma comemoração: “Uma pessoa nos ensinou a cuidar do gado, por isso tivemos sucesso. Ao lobo que nos criou, Bronco Henry!” (CAMPION, 2021).

A relação entre Phil e Bronco põe em discussão o estatuto da identificação, que é para Freud (1921/2011) a forma mais arcaica de ligação afetiva e libidinal a outra pessoa. O autor aponta que, fundamentalmente, a identificação é, na sua origem, ambivalente, podendo se expressar tanto na forma de ternura como de desejo de eliminação. Esse caráter remonta ao mito do assassinato do pai primeiro, que Freud (1912-1913/2012) formula como o momento lógico de fundação da cultura e de instituição do tabu do incesto. Tal mito pressupõe a existência em um tempo imemorial de um pai tirânico e violento a quem era reservada a exclusividade de todas as mulheres. Tal pai era ao mesmo tempo temido e admirado pelos seus filhos que, em um dado momento, o assassinam. Após o parricídio, os irmãos, tomados por remorso e culpa, incorporam o cadáver do pai em um repasto canibal. Segundo Freud (1912-1913/2012), esse assassinato funda o pacto totêmico de restrição do incesto entre os irmãos paricidas. Assim, a incorporação do corpo do pai morto constitui o modelo atávico de todo vínculo identificatório e o cerne do complexo paterno no neurótico.

Para a análise do filme, faz-se ainda necessário explorar o papel da identificação no trabalho de luto (FREUD, 1917/2010). Nesse processo psíquico, a incorporação narcísica por meio da identificação de traços de uma pessoa morta intensamente estimada e amada favorece que o investimento libidinal seja redirecionado ao Eu e, posteriormente, reinvestido em novos objetos.

Do exposto, é lícito supor que a relação entre Phil e a lembrança de Bronco possui intenso colorido libidinal, que deve ter assumido um caráter ambivalente e conflituoso, de natureza homoafetiva. Pode-se considerar ainda que, após sua morte, traços do velho vaqueiro foram incorporados ao Eu de Phil, o que contribuiu para moldar o seu caráter e, eventualmente, reprimir uma tendência homossexual constitucional. Por fim, constata-se que muitos elementos dessa relação anterior entre Bronco e Phil é atualizada na relação entre Phil e Peter.

Assim, em dado momento do filme, Phil vai ao seu lugar secreto e, deitado sobre a relva, tira de sua bolsa um pano, o mesmo lenço que em outro momen-

to serviu para lustrar o couro da sela de Bronco. Nele, podem ser observadas bordadas as iniciais: BH. Na cena, Phil acaricia lenta e delicadamente com o pano o próprio corpo despido. Na cena, é claro que a simbologia e o apelo afetivo desse objeto estão atrelados à lembrança de Bronco Henry.

Desse modo, o filme desenha o perfil de um homem machão, intolerante à diferença e defensor de um modelo de masculinidade rígido e pouco dialético, mas que, no seu íntimo, sabe que ama e foi amado por outro homem e que não consegue esquecer as lembranças dessa experiência.

É defendido que o conceito de formação melancólica de gênero, de Butler (2022), é bastante elucidativo para o entendimento da organização psíquica de Phil, bem como de suas estratégias de defesa diante de seus conflitos. Segundo a autora, em um contexto heteronormativo compulsório, quando um objeto de amor homossexual é abandonado em razão de uma coerção social, o luto dessa perda não é reconhecido e assumido como tal, o que acarreta uma internalização defensiva de traços do objeto e do investimento atrelado a ele, que se tornam então o núcleo de um complexo intrapsíquico proibido e interditado.

A partir dessa perspectiva, a nostalgia erótica de Phil se revela a contraparte de sua crueldade com Peter. Esta pode, então, ser considerada uma formação reativa daquela (FREUD, 1905/2016). Vale lembrar que formações reativas são transformações no Eu que redirecionam determinadas moções libidinais para objetivos dessexualizados. Tais moções passam então a alimentar manifestações afetivas que servem a estratégias de defesa erguidas contra a expressão da própria sexualidade, como é o caso do nojo, da vergonha e do pudor. Muitas vezes, esse processo é modulado pelo funcionamento do Supereu, que contribui para consolidar tais transformações como traços de caráter permanentes.

Em um desses momentos solitários de intimidade no estábulo, Phil é surpreendido por Peter. Furioso, ele o persegue, sem conseguir alcançá-lo. Após este episódio, ciente que fora desmascarado, Phil busca se aproximar de Peter. Passa a agir com cordialidade. Oferece-se para ensinar-lhe o trato com os animais da fazenda, tal qual Bronco fizera com ele no passado.

É possível supor nesse episódio a repetição de uma cena. Percebe-se que a solução escolhida por Phil para o seu conflito é realizar com Peter o mesmo modelo de tratamento contra a homossexualidade por identificação de que ele se valeu no passado.

Em uma passagem do filme, Phil trança uma corda com tiras de couro e diz que, quando finalizar, vai presentear a Peter e ensiná-lo a usar com os animais da fazenda. Em outro momento, chama o jovem ao celeiro e pede que

monte na cela pertencente antes a Bronco Henry. Convida-o então para cavalgarem juntos em uma expedição.

É curiosa a simbologia da trança. Ela remete simultaneamente a uma atividade laborativa de sublimação das pulsões como também à construção de uma barreira de defesa (FREUD, 1905/2016), um freio para controle dos cavalos (FREUD, 1933/2010). A trança pode ainda ser tomada como metáfora de um componente pulsional dissociado que busca enodamento por meio da repetição de uma experiência traumática.

A aproximação entre Phil e Peter, no entanto, intensifica o sofrimento de Rose, que se torna cada vez mais dependente do álcool e ansiosa. Peter, por sua vez, sabendo que Phil está apaixonado, percebe nessa situação a oportunidade para erradicar a infelicidade da mãe. Na voz do narrador, afirma: “Meu pai dizia: obstáculos, você tem que tentar removê-los” (CAMPION, 2021).

Peter passa a estudar sobre o antraz, uma doença infecciosa, na maioria das vezes fatal, que atinge tanto animais como pessoas. Sai então a cavalo rumo às montanhas com alguns instrumentos na bolsa. Encontra, após algum tempo, um boi morto, do qual, com luvas, retira parte da pele e a armazena em um recipiente. Posteriormente, em uma cavalgada com Phil, testemunha que este sofre um corte em uma das mãos. O ferimento foi profundo e verteu bastante sangue.

Enquanto isso, na fazenda, Rose faz escambo com os indígenas que vivem nas imediações. Ela troca alguns pedaços de couro cru por um par de luvas. Ao retornar e constatar a falta do produto, Phil fica furioso e emocionalmente abalado. Com os olhos lacrimejando, briga com o irmão, que lamenta e pede desculpas. Verifica-se por essa reação como era importante para Phil servir de modelo de masculinidade para Peter, o quanto era essencial ocupar esse papel ideal que outrora Bronco desempenhou.

Nesse momento, Peter chega lentamente até Phil e o segura pelo braço. Acalma-o. Diz que possui couro suficiente para terminar a corda. Dirigindo-se a Phil, declara: “Queria ser como você”. Phil, olhando-o profundamente nos seus olhos, segura a nuca de Peter e garante ao jovem que ele não sofrerá mais nenhuma molestação na fazenda. Na sua fala, Phil deixa transparecer uma mescla de volúpia e contenção. Em tom solene, compromete-se a concluir a manufatura da corda até o fim da noite.

À noite, Peter leva as tiras de couro que prometera. Elas estão submersas em água dentro de uma tina. Phil mergulha as mãos no líquido de modo que seu ferimento entra em contato com a água e o couro. Peter assiste à cena impassível. Enquanto trança a corda, Phil conta a Peter as suas recordações de

Bronco Henry. Diz, de maneira evasiva, que ele representava algo mais do que um melhor amigo. Relata que em certa ocasião, quando foram acampar nas montanhas e o tempo virou, ele salvou a sua vida: durante a noite, dentro do saco de dormir, Bronco com o próprio corpo aqueceu Phil, que estava molhado e tremia. Tal ajuda foi crucial para que Phil não sofresse um choque térmico.

Ainda que não tenha sido dito de forma manifesta, uma insinuação de uma troca sexual surge nessa narrativa.

Na manhã seguinte, Phil não se levanta para o café. Estranhando a situação, o irmão vai até o seu quarto e o encontra deitado, abatido, febril e muito suado. Seu ferimento está visivelmente agravado e George decide levá-lo ao médico. Enquanto se dirige ao carro, Phil aparenta estar mais preocupado em entregar a Peter a corda já finalizada do que com o seu próprio estado de saúde. Ele, todavia, não consegue fazer isso pessoalmente. Deixa o objeto na porta do quarto de Peter e só então se deixa conduzir ao hospital.

Phil morre pouco tempo depois. Pela sintomatologia, o médico suspeita de contaminação por antraz. Para o irmão, isto seria impossível, pois Phil não tocava em animais doentes. Contudo, para o espectador, torna-se claro como a contaminação ocorreu: o couro do animal morto que Peter deu a Phil para a confecção da corda. Este fato traz a consumação do plano de Peter: livrar a sua mãe, como escrito no verso bíblico, do poder dos cães.

À guisa de conclusão: implicações políticas e culturais

Este artigo buscou, por meio do comentário do filme, lançar luz sobre a interação entre processos narcísicos individuais e grupais, a fim de esclarecer alguns aspectos da relação que se estabelece entre identificação e os destinos das pulsões. Buscamos avançar no entendimento da seguinte questão: como na gênese do ódio a homossexuais alguns processos intrapsíquicos são incitados, modulados e consolidados por determinadas formas de relações grupais. Essa é, portanto, a origem do poder dos cães que dá título ao longa-metragem.

Foi desenvolvido o argumento de que esse ódio deriva de formações reativas. É incitado por processos grupais de identificação, quando os membros de uma massa se veem ameaçados pela pequena diferença percebida no outro que evoca seu próprio desamparo.

Na atualidade, verifica-se que essa estratégia de promoção de ódio desloca o problema do sofrimento psíquico das suas causas para objetos de discriminação, ao mesmo tempo que reforça e justifica uma oferta preconceituosa de

cura. Dito de outra forma, os tratamentos psicológicos oferecidos não incidem sobre mecanismos de defesa patológicos, mas sobre tendências homossexuais constitucionais quando essas se tornam manifestas. Assim, surgem terapias que prometem a reversão da opção sexual baseada em um tratamento superegoico, como Freud (1940/1996) o designa: um tratamento orientado para a manutenção de um ideal e não para a promoção da saúde. Para Freud, o tratamento psicanalítico deve potencializar a constituição psíquica de cada sujeito, que é sempre singular.

Assim, da mesma forma que é retratado no filme, atualmente não é raro que sujeitos homossexuais sejam submetidos a técnicas fundamentadas na identificação e cristalização de mecanismos de defesa patológicos a fim de se resguardar um ideal social normativo.

Por isso, Freud (1940/1996) adverte que, mesmo sendo tentador para o analista tornar-se mestre, modelo e ideal para seus pacientes e, por essa via, produzir sujeitos segundo a sua própria imagem, ele deve lembrar-se de que isso não é a sua função e que ele não estará sendo fiel à sua tarefa se se deixar levar por essa inclinação. O terapeuta, independentemente de sua orientação teórica e metodológica, deve respeitar a singularidade do paciente e conduzir o tratamento a partir das demandas provenientes do sofrimento deste e não de injunções sociais normativas.

Defendemos que, assim como faz outro filme também indicado ao Oscar, *Brokeback Mountain* (LEE, 2005) – no Brasil: *O segredo de Brokeback Mountain* –, a história de *Ataque dos cães* realiza uma desmistificação e desconstrução de uma figura paradigmática do machismo ocidental moderno: o *cowboy*. A diferença na abordagem desse tema nos dois filmes está no fato de que naquele a homossexualidade, ainda que de forma conflituosa e intempestiva, é vivida pelos personagens de modo explícito, manifesto e positivado, enquanto neste ela aparece como uma tendência implícita, recalcada, desviada e, portanto, negatizada.

São utilizados os termos positivo e negativo da mesma forma que Freud (1905/2014) o faz quando compara a perversão e a neurose nos três ensaios da sexualidade, isto é: o primeiro como a manifestação direta não transformada de uma tendência pulsional, enquanto o segundo representa um desvio e transformação dessa mesma tendência. Daí que positivo e negativo não designam um julgamento de valor. Ao invés disso, ressaltam a plasticidade da constituição humana, de forma que as mesmas tendências pulsionais podem gerar organizações psíquicas diferentes, sem que nenhuma delas possa ser *a priori* qualificada como patológica.

Após o percurso trilhado, não deve causar espanto que os dois exemplos de massas artificiais analisados por Freud (1921/2011), o exército e a igreja, constituam as matrizes identificatórias que inspiram as estratégias político-discursivas da extrema-direita, predominantes na gênese de atitudes de ódio a homossexuais no Brasil atual. Vale frisar: tais discursos de ódio exortam ampla adesão, uma vez que afetam não só quem os sustenta, mas também quem os testemunha e, principalmente, quem é tomado por alvo de suas investidas. Assim, pode-se dizer que, se o título do filme explora o fato de que a matilha exacerba a agressividade dos cães, O ódio a homossexuais pode ser amplificado e canalizado por meio de processos grupais, de forma a justificar e banalizar uma violência. Dessa forma, o sofrimento é intensificado, multiplicado e perpetuado em nome de uma promessa de cura e ajustamento.

Com Butler e Freud, foi posto em destaque que a repressão de vivências homoafetivas por meio da introjeção impositiva de modelos sociais tende a gerar cada vez mais sofrimento e violência. Esperamos no futuro desenvolver essa discussão a partir do comentário do livro *Boy erased* e sua adaptação para o cinema (CONLEY, 2019; EDGERTON, 2019).

Tramitação

Recebido 09/10/2022

Aprovado 08/08/2023

Referências

BOY Erased: uma verdade anulada. Diretor: J. Edgerton. Atlanta: Focus; Perfect World; Anonymous, 2019. Filme.

BROKEBACK Mountain. Direção: A. Lee. Produção: D. Ossana; J. Schamus. Estados Unidos: Focus Features, 2005. Filme.

BUTLER, J. *Problemas do gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *La vie psychique du pouvoir: L'assujettissement en théories*, Paris: Amsterdam éditions, 2022.

CARVALHO, I. Pesquisa encontra 26 métodos de “cura gay”: “Eu vivia a heteronormatividade compulsória”. *Brasil de Fato*, São Paulo (SP), 2022, 7. jul. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/07/07/pesquisa-encontra-26-metodos-de-cura-gay-eu-vivia-a-heteronormatividade-compulsoria>>. Acesso em: 16 set. 2022.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 2, n. 2, p. 71-94, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2268>>. Acesso em: 16 set. 2022.

CONLEY, G. *Boy erased: uma verdade anulada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

COUTINHO JORGE, M. A. Do instinto à pulsão: Freud e o recalque orgânico. In: ALBERTI, S.; RIBEIRO, M. A. C. *Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2004. p. 103-112.

DUNKER, C. I. L.; KYRILLOS NETO, F. (2010). Curar a Homossexualidade? A psicopatologia prática do

DSM no Brasil. *Rev. Mal-Estar Subj.*, v. 10, n. 2, p. 425-446. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 set. 2022.

FERREIRA, G. G. Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo. *Lutas sociais*, n. 20, v. 36, p. 166-178, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/ls.v20i36.31855>>. Acesso em: 16 set. 2022.

FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172. (Obras completas, 6).

_____. (1912-1913). *Totem e tabu*. São Paulo: Companhia das letras, 2012. p. 13-244. (Obras completas, 11).

_____. (1914). *O narcisismo: uma introdução*. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 13-50. (Obras completas, 12).

_____. (1915). *Os instintos e seus destinos*. São Paulo: Companhia das letras, 2010a. p. 51-81. (Obras completas, 12).

_____. (1915). *A repressão*. São Paulo: Companhia das letras, 2010b. p. 82-98. (Obras completas, 12).

_____. (1917). *Luto e melancolia*. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 170-194. (Obras completas, 12).

_____. (1920). *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 161-239. (Obras completas, 14).

_____. (1921). *Psicologia das massas e análise do eu*. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p. 13-113. (Obras completas, 15).

_____. (1923). *O eu e o id*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74. (Obras completas, 16).

- _____. (1930). *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-123. (Obras completas, 18).
- _____. (1933). *Novas conferências introdutórias - Conferência 31: a dissecação da personalidade psíquica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 192-223. (Obras completas, 18).
- _____. (1895). *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 381-517. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- _____. (1940). *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 168-247. (ESB, 23).
- _____. (1935). Carta a uma mãe preocupada com a homossexualidade de seu filho. In: _____. *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 271-272.
- GAMA, M. C. B. Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des)patologização da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. n. 31, v. 1, p. 4-27, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.31.02>>. Acesso em: 16 set. 2022.
- GUIMARÃES, R.; ENDO, P. Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, v. 3, n. 2, p. 16-27, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912011000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 set. 2022.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. Santos: Martins Fontes, 2001.
- LEITE, M.; CATELAN, R. F. Terapia familiar afirmativa com lésbicas, gays e bissexuais. *Pensando fam*. v. 24, n. 1, p. 239-254, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 set. 2022.
- MARTINS, K. P. H. *Sertão e melancolia: espaços e fronteiras*. Curitiba: Appris, 2014.
- THE POWER of the dog. Direção: J. Champion. Produção: T. Seghatchian; E. Sherman; I. Canning; R. Frappier. Estados Unidos: BBC Films, 2021. Filme.